

Agora é Uni-FACIPLAC

É com grande alegria que comemoramos o reconhecimento do valoroso esforço para transformar nossa instituição em Centro Universitário. Para o credenciamento, houve uma criteriosa avaliação do MEC (Ministério da Educação e Cultura) que envolveu: qualificação do corpo docente, gestão do ensino, modernidade das instalações e infraestrutura. Obtivemos a nota máxima (5), fruto de um grande trabalho direcionado à excelência, tendo como protagonistas os docentes, mantenedores, colaboradores e discentes. Foi uma evolução gradativa que culminou com os 30 anos de idade da instituição, 8 anos da ROPLAC e a gestão do professor Walter Paulo Filho, de quem tive a honra de ser aluno em 1992, nesta mesma instituição, junto com minha futura esposa, também professora desta casa.

Estávamos no primeiro semestre e o farmacêutico Walter Paulo Filho, que lecionava há menos de um ano na FACIPLAC, nos impressionou ao descrever, entusiasmadamente, o ciclo de Krebs. Logo nas primeiras semanas de aula nos convidou para participar de um grupo de estudo de ciências com minipalestras dos próprios alunos, o *Journal*. Às vezes relembro a peculiaridade da circunstância. Quais as chances de um aluno do primeiro semestre do curso de odontologia diurno ir para a faculdade participar de um grupo de estudo, sem valer nota ou crédito, na sexta-feira à noite, sobre bioquímica e fisiologia humana? A empolgação deste

professor contagiou meia dúzia de colegas da minha turma e pelo menos mais uma dezena de outros semestres para este evento semanal. Parecia a versão unissex do filme “Sociedade dos poetas mortos”.

Hoje, 26 anos depois, vejo como é importante criar um ambiente propício para que o aluno se voluntarie a participar. Este desejo espontâneo de aprender mais é uma forte mola propulsora para seu desenvolvimento, por suprir uma demanda por mais conhecimento que alguns alunos têm e que não é suficientemente resolvida pelas aulas regulares. Gera também um forte efeito motivacional no professor que, sem as barreiras do conteúdo “que vai cair na prova”, abre uma infinidade de possibilidades. E o que o centro universitário tem a ver com isto?

Resumidamente, o centro universitário é maior que a faculdade, deve ter mais professores com mestrado e doutorado – no mínimo 1/3, enquanto que na faculdade só é exigido 1/3 do corpo docente com título de especialista – e com mais horas de dedicação – no mínimo 1/5 do corpo docente deve estar sob regime de dedicação integral, enquanto que na faculdade, não há exigência de professores com dedicação integral. Tem autonomia para criação de novos cursos e programas de ensino sem necessidade de aprovação do MEC e ofereceria mais possibilidades para os alunos que quiserem seguir a área acadêmica, pois professores mais capacitados e mais dedicados fariam parte de um ambiente mais propício para pesquisa, inovação e formação de colegas

professores.

O ambiente propício é um elemento motivacional. O aluno motivado cresce, mas o professor motivado faz muitos crescerem. E como é importante um professor motivado! Uma pesquisa recente, a “Profissão Docente”¹, mostrou que metade dos professores brasileiros consideram que a profissão está desvalorizada e não a recomendam para as novas gerações. Dos 2.160 professores entrevistados (da rede pública e privada de todo o país), 33% dizem estar totalmente insatisfeitos com a docência, enquanto que apenas 21% dos professores estão totalmente satisfeitos. Como é que sai coisa boa disto?

O problema vem lá de trás. Os últimos resultados mostrados pelo Programa de Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA)², obtidos de mais de 2 milhões de estudantes do 3º ano do ensino fundamental em 2016, mostraram que 54,73% dos alunos tinham nível insuficiente em Leitura (21,74% dominavam apenas a leitura de palavras, sem conseguir identificar a finalidade, a informação explícita ou o assunto do texto), aproximadamente 34% apresentaram proficiência insuficiente na Escrita e 54,5% na Matemática. Nas palavras de Mozart Neves Ramos³, do Instituto Ayrton Senna, “de cada 100 crianças que concluem o ciclo de alfabetização, 50 delas não sabem ainda ler, escrever e contar adequadamente! O triste de tudo isso é que muitos desses estudantes são fortes candidatos a abandonar a escola, engrossando o grupo de quase 1 milhão de jovens brasileiros de

15 a 17 anos que nem estudam e nem trabalham. O futuro dessas crianças fica, assim, seriamente comprometido, tanto no campo pessoal, como social e profissional”.

Na opinião dos professores⁴, a reversão deste cenário exige medidas que aprimorem a formação continuada (69%) e a escuta dos docentes para a formulação de políticas educacionais (67%), além de restaurar a autoridade e o respeito à figura do professor (64%) e garantir melhor remuneração (62%). Observem que a maioria dos educadores acha que o item mais importante para a solução do problema é a capacitação do professor, seguido de valorização. Nossa instituição está fazendo o dever de casa, pois tenho observado estas medidas na odontologia daqui.

Almejar pesquisa de ponta sem boa alfabetização infantil? O começo da solução está em um professor capacitado e valorizado, desde o começo. O caminho não parece óbvio?

Parabéns para todos que participaram ativamente deste processo de evolução da FACIPLAC.

Adriano Dobranszki
Editor-chefe (adriano.dobranszki@faciplac.edu.br)

Bibliografia

1. https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2018/07/Pesquisa-Professor_Divulga%C3%A7%C3%A3o.pdf
2. <http://portal.mec.gov.br/docman/outubro-2017-pdf/75181-resultados-ana-2016-pdf/file>
3. <http://www.institutoayrtonsenna.org.br/content/institutoayrtonsenna/pt-br/radar/o-desafio-da-alfabetizacao.html>
4. <https://www.itausocial.org.br/noticias/professores-consideram-qualificacao-e-escuta-como-as-principais-medidas-para-valorizar-a-profissao/>